

O uso da abordagem comunicativa no manual *Oriente.pt*

The use of the communicative approach in the *Oriente.pt* textbook

Catarina Castro¹, Fausto Caels², Flávia Coelho³

¹ ESECS-IPLeiria; CETAPS-UNL

² ESECS-IPLeiria; CELGA-ILTEC-UC

³ ESECS-IPLeiria; CETAPS-UNL

Abstract

This article describes the creation of a beginner-level Portuguese as a Foreign Language (PFL) textbook – *Oriente.pt* – specifically developed for Chinese students, both adults and young adults. This teaching resource is based on dynamic and adaptable teaching methodologies, incorporating fundamental principles from the Common European Framework of Reference for Languages (CEFR) and the Framework for Teaching Portuguese as a Foreign Language in China. It also highlights the use of translation as a pedagogical tool and the need to adapt communicative teaching to the linguistic and cultural specificities of Chinese learners, given the importance of language teaching that meets students' needs.

Keywords: Portuguese as a foreign language, textbook, Chinese students, communicative approach, pedagogical translation.

Resumo

Este artigo descreve a criação de um manual de Português Língua Estrangeira (PLE) de nível inicial – o *Oriente.pt* – desenvolvido especificamente para estudantes chineses, adultos e jovens adultos. Este recurso didático assenta em metodologias de ensino dinâmicas e adaptáveis, incorporando princípios fundamentais do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR) e do *Referencial Ensino de Português Língua Estrangeira na China*. Destaca-se, ainda, o recurso à tradução como ferramenta pedagógica e a necessidade de adaptação do ensino comunicativo às especificidades linguísticas e culturais dos estudantes chineses, dada a importância de um ensino de línguas adequado às necessidades dos estudantes.

Palavras-chave: Português como língua estrangeira, manual didático, estudantes chineses, abordagem comunicativa, tradução pedagógica.

1. A crescente procura pelo PLE por sinofalantes na China e em Portugal

As relações entre a China, Portugal e os países lusófonos têm evoluído para além das dimensões económica e política, refletindo-se no fortalecimento das conexões nos setores cultural e educativo. Esse estreitamento tem-se traduzido, designadamente, na intensificação da interação cultural e do intercâmbio linguístico, evidenciado pelo crescente interesse na aprendizagem tanto do português quanto do mandarim.

De facto, nos últimos anos, a língua portuguesa tem despertado algum interesse na China, tanto em Macau – onde permanece como língua oficial até 2049 – como na China continental. Este fenómeno deve-se, em grande parte, ao fortalecimento das relações económicas sino-lusófonas, impulsionadas pelo expressivo aumento do investimento direto da China nos países de língua portuguesa, que, segundo o *Referencial Ensino de Português Língua Estrangeira na China* (REPLEC, 2021, pp. 23-24), cresceu quase cem vezes.

Esse crescimento tem-se refletido diretamente no aumento do número de estudantes chineses dedicados ao estudo do português. De acordo com o REPLEC (2021, p. 32), a quantidade de alunos matriculados em cursos de português na China aumentou 374% nos últimos 20 anos. Além disso, em Macau registam-se mais de

2000 estudantes que frequentam cursos de língua portuguesa ou programas lecionados em português em instituições como a Universidade de Macau, a Universidade Politécnica de Macau, a Universidade de São José (Macau), a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau e o Instituto Português do Oriente.

O fortalecimento da posição da língua portuguesa na China não se limita apenas ao aumento de cursos e de alunos, mas também se manifesta no desenvolvimento de novos recursos pedagógicos dirigidos ao público chinês, especialmente falantes de mandarim. A valorização do português tem também estimulado a produção de estudos no âmbito de mestrados e doutoramentos com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre os desafios e as particularidades do ensino e aprendizagem da língua portuguesa na região.

Simultaneamente, a crescente abertura da China ao mundo tem promovido a internacionalização do seu corpo discente, com incentivos para que estudantes chineses realizem parte da sua formação académica em instituições estrangeiras. Neste âmbito, Portugal, devido à sua proximidade linguística e cultural com Macau e ao fortalecimento das relações sino-lusófonas, tem-se destacado como um dos destinos privilegiados para muitos estudantes, de onde decorre um aumento significativo do número de estudantes chineses matriculados no ensino superior português. Dados da Direção-Geral de Estatística (REPLEC, 2021) indicam que o número de estudantes chineses em instituições portuguesas passou de 758, no ano letivo de 2015/2016, para 1027 em 2020/2021, demonstrando uma tendência ascendente.

A cooperação institucional entre Portugal e a China tem sido um pilar fundamental desse crescimento. Atualmente, a maioria das Universidades e Institutos Politécnicos portugueses mantém protocolos de parceria com instituições chinesas, proporcionando aos estudantes chineses a oportunidade de aprender português em contexto de imersão linguística e cultural, em diversos cursos de licenciatura.

2. O perfil dos aprendentes chineses de PLE

De acordo com o REPLEC (2021), o público que estuda português como Língua Estrangeira (PLE) na China (tanto em Macau como na China continental) e que posteriormente prossegue os seus estudos em instituições de ensino superior em Portugal, ao abrigo de protocolos, apresenta características distintas que influenciam o seu processo de aprendizagem.

Em termos demográficos, trata-se maioritariamente de estudantes jovens, entre os 17 e os 25 anos, com predominância do sexo feminino. A sua língua materna é o chinês, entendido enquanto língua pluricêntrica e plurivarietal. Dentro deste conjunto, os estudantes utilizam sobretudo duas variedades/idiomas: o mandarim (variedade oficial e maioritária na China continental) e o cantonês (amplamente usado em Macau e em algumas províncias do sul da China). Estas variedades apresentam diferenças significativas ao nível da fonologia, do léxico e, em alguns casos, também da escrita, o que condiciona as suas necessidades linguísticas e o modo como abordam a aprendizagem do português.

No percurso académico, a maioria inicia o estudo da língua inglesa no 1.º ciclo do Ensino Básico, o que a torna a língua ocidental mais familiar antes do contacto com o português. O interesse pelo português deve-se, em grande medida, às oportunidades de empregabilidade que o domínio desta língua pode proporcionar. Muitos dos alunos encontram-se em cursos universitários e procuram desenvolver competências que lhes permitam integrar-se melhor no mercado de trabalho, seja na área profissional ou em estágios académicos.

Em relação a competências linguísticas, e com base na experiência de ensino dos autores do manual, apesar de os estudantes chineses de PLE valorizarem a expressão oral, necessitam, na prática, de um forte domínio da compreensão e da produção escrita, especialmente em contextos académicos e profissionais. Neste sentido, os materiais didáticos, como os manuais, podem desempenhar um papel importante no processo de aprendizagem, dado serem amplamente utilizados nas aulas. Observa-se também uma tendência crescente para a substituição do dicionário tradicional por tradutores automáticos, o que pode ter implicações na aquisição da precisão lexical e gramatical.

No ambiente profissional, o conhecimento do português é ou poderá ser, para muitos, relevante à compreensão e interpretação de mensagens essenciais à execução de tarefas, tornando-se uma competência

valorizada em diferentes setores. Os estudantes chineses demonstram uma clara consciência da importância que a aprendizagem de línguas estrangeiras e o conhecimento de novas culturas têm atualmente, encarando o português como uma ferramenta estratégica para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

3. Diferenças entre a língua portuguesa e a língua chinesa

A aprendizagem da língua portuguesa por falantes de chinês apresenta desafios significativos devido às profundas diferenças estruturais, fonéticas, morfossintáticas entre as duas línguas. Sistematizam-se, em seguida, algumas dessas diferenças, relevando possíveis cuidados a ter no ensino do português e na conceção de materiais didáticos.

3.1. Pronúncia e escrita

O português europeu e o chinês dispõem, cada uma, do seu repertório de sons e respetivas regras de combinação. Os seguintes sons do português, por exemplo, não têm correspondente em mandarim: consoante líquida [ʎ]; consoantes vibrantes [ʀ] e [ʃ]; consoantes oclusivas sonoras [b], [d], [g]; vogais e ditongos nasais, como [u], [ã]w, [ã]j]. O mandarim, em contraste, serve-se do traço aspirado, inexistente em português, para distinguir consoantes oclusivas surdas (cf. [p] / [p^h], [t] / [t^h], [k] / [k^h]). No que diz respeito à formação de sílabas, o chinês segue uma estrutura fortemente padronizada. As palavras são tendencialmente monossilábicas, formadas por ataque e núcleo simples. O português, por outro lado, permite uma diversidade de estruturas silábicas, um número variado de sílabas por palavra e diferentes padrões de acentuação.

Numa língua como o português, que adota uma escrita alfabética, existe uma relação estreita entre o sistema de sons e a sua representação na escrita, ainda que essa relação não seja inteiramente biunívoca. Tal sistema contrasta fortemente com a escrita logográfica do chinês. Para estudantes asiáticos, habituados a associar cada carácter a um significado específico, a ortografia portuguesa pode representar um desafio significativo.

As diferenças assinaladas permitem antecipar dificuldades dos sinofalantes, seja em distinguir e pronunciar corretamente os sons do português europeu, seja ainda em apropriar-se da sua representação na escrita. Evidenciam também a necessidade de treino fonético e ortográfico específico.

3.2. Morfossintaxe

O português é uma língua flexional, caracterizada pela conjugação verbal, pela concordância nominal e verbal e pela variação em género e número. O mandarim, em contraste, define-se como uma língua isolante, sem flexão verbal, nominal ou pronominal. No chinês, os tempos verbais são indicados por advérbios de tempo ou partículas gramaticais. O português, ao contrário, serve-se de uma ampla gama de tempos e modos verbais, com diferentes terminações e irregularidades. Essa discrepância torna a conjugação verbal um dos aspetos mais desafiadores para os alunos chineses, justificando um ensino explícito e sistemático, aliado a exercícios frequentes para consolidar a sua aprendizagem. Além disso, no mandarim, a estrutura das frases segue um padrão relativamente fixo de Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), sem inversões complexas (Mai et al. 2019, p 395). Já a língua portuguesa, além de permitir diferentes ordenações das palavras para efeitos de ênfase ou estilo, tem construções passivas, pronominais e subordinadas que não encontram paralelo direto no chinês. A existência de pronomes clíticos, como “me”, “te”, “lhe”, “nos”, e a sua colocação face ao verbo, podem levar a dificuldades acrescidas para os estudantes chineses, sem equivalente na sua língua materna. Seguem-se exemplos de alguns enunciados, organizados por classes de palavras.

Artigos

O chinês não dispõe de artigos definidos. Utiliza, contudo, palavras de medida ou classificadores, para indicar a natureza semântica do nome, havendo classificadores distintos para nomes que denotam pessoas, animais, tempo, duração, dinheiro, entre várias outras categorias. O carácter 本^{běn} no exemplo (1) é a palavra de medida referente a livros e a folhas encadernadas.

- (1) 他 买了 一 本 书。
Ele comprar um CLF livro.
'Ele comprou um livro.'

Adjetivos

Não há flexão em género, número ou grau em chinês. A colocação do adjetivo face ao nome é também distinta nas duas línguas (cf. exemplo 2). Além disso, na língua chinesa, o adjetivo pode desempenhar várias funções sintáticas, como por exemplo de sujeito ou predicado.

- (2) 聪明 的 学生 都 是 靠 努力 的。
Inteligente PART estudante PART ser depender esforço PART.
'O sucesso dos estudantes inteligentes vem do seu próprio esforço.'

Nomes

Os nomes não são flexionados em género ou em número. Por exemplo, para se enfatizar que um substantivo se trata claramente de um plural, adiciona-se uma partícula em posição de sufixo:

- (3) 学生 们 在 食堂 吃 午饭。
Estudante PART em cantina comer almoço.
As estudantes almoçam na cantina.

Advérbios

Em chinês, os advérbios posicionam-se, por defeito, antes do verbo. Em português, é mais variável, havendo advérbios posicionados necessariamente antes do verbo (ex. advérbios de negação) e outros posicionados após o verbo (por ex.: advérbios de modo).

- (4) 我 马上 去 做。
Eu imediatamente ir fazer.
'Eu vou fazê-lo/a imediatamente.' (Objeto da ação implícito e dependente de contexto.)

Preposições

Embora ambas as línguas disponham de preposições, o leque de preposições do português é mais diversificado do que o do mandarim. Acresce o facto de haver, em português, vários contextos de uso de complemento preposicional, determinados pela regência verbal, em que não se usa preposição em chinês.

- (5) 我 喜欢 葡萄牙。

Eu gostar Portugal
'Eu gosto de Portugal'

Verbos

A língua chinesa não distingue entre os verbos *ser* e *estar*, dispondo apenas de um único carácter (是), que abrange ambos os significados. Além disso, em frases com um predicativo de sujeito realizado por meio de um grupo adjetival, o verbo pode ser omitido, como se ilustra em (6).

- (6) 他 很 累。
Ele muito cansado.
'Ele está muito cansado.'

Em chinês, os valores de tempo e aspeto de um enunciado não se encontram marcados no verbo, mas decorrem de outros elementos presentes na frase ou do contexto de enunciação. Atente-se no uso da partícula 了, em (7), que remete a ação para o passado. Nas frases (8) e (9), a distinção entre o PPS e o Pretérito imperfeito decorre do uso de partículas aspetuais (como o 过) e marcadores temporais (como 以前), respetivamente. A distinção do modo indicativo e conjuntivo é inexistente na língua chinesa (10).

- (7) 我们 吃 了 两 道 菜。
Nós comer PART dois PART pratos.
'Nós comemos (PPS) dois pratos.'
- (8) 他 当 过 一 年 的 教师。
Ele atuar PART um ano PART professor.
'Ele foi professor durante um ano.'
- (9) 我 以前 很 胖。
Eu antigamente muito gordo.
'Antigamente, eu era muito gordo.'
- (10) 我 希望 所有 学生 都 能 及格。
Eu esperar todos aluno PART poder passar.
'Espero que todos os alunos obtenham aprovação.'

Perante estas diferenças estruturais, o ensino do português a falantes de chinês beneficia de estratégias didáticas específicas que considerem as dificuldades típicas destes alunos. Entre essas estratégias, destacam-se as comparações linguísticas, os exercícios fonéticos intensivos, o recurso a métodos visuais para a conjugação verbal e as abordagens contextualizadas para a sintaxe e o vocabulário. A articulação entre estas práticas, uma exposição crescente à língua-alvo e um treino regular pode contribuir significativamente para ultrapassar os desafios referidos, promovendo uma aprendizagem mais eficaz e integrada do português.

3.3. Produção textual

Aos desafios já identificados, juntam-se outros relacionados com a produção textual em contexto de ensino superior. Neste nível de ensino, espera-se dos estudantes que desenvolvam competências avançadas de pesquisa,

seleção e organização de informação para a elaboração de diversos tipos de trabalhos académicos. No contexto do ensino e aprendizagem da língua portuguesa, tal inclui não apenas a produção de textos científicos, como reflexões, relatórios e teses, mas também a capacidade de redação e tradução de outros géneros textuais, relevantes para o mercado de trabalho, tais como textos técnicos e administrativos. O domínio dessas competências exige, assim, não só um conhecimento aprofundado da língua, mas também familiaridade com as convenções formais e discursivas desses tipos de textos. A elaboração deste tipo de produções escritas, contudo, só costuma ser exigida a estudantes de línguas a partir do nível C1 do QECR (2001). Isso significa que os alunos precisam de uma proficiência elevada para lidar com as exigências discursivas e linguísticas da redação académica e profissional. A distância entre as competências linguísticas dos alunos chineses e as exigências académicas e profissionais que lhes são colocadas leva a que este tipo de requisito constitua um desafio acrescido para os alunos chineses, uma vez que muitos ingressam no ensino superior com um conhecimento nulo ou apenas elementar de português (REPLEC, 2021, pp. 126-127).

Em primeiro lugar, a estruturação dos textos científicos e técnicos em português difere significativamente dos padrões textuais do chinês, tanto na construção argumentativa, como na progressão temática e na organização lógica da informação. Além disso, a necessidade de utilizar um registo formal, com vocabulário técnico e termos específicos, representa um obstáculo adicional, pois exige dos estudantes não apenas um domínio lexical avançado, mas também uma compreensão profunda dos contextos em que esses termos são aplicáveis. Outro desafio fundamental está relacionado com a coesão e coerência textuais. Em português, os textos formais exigem o uso adequado de conectores discursivos, estruturas complexas de subordinação e mecanismos de referência que não são imediatamente intuitivos para falantes de chinês. A falta de familiaridade com esses elementos pode resultar em dificuldades na construção de argumentos bem estruturados e na articulação lógica das ideias dentro de um texto.

Afigura-se relevante, portanto, que os cursos de língua portuguesa para falantes de chinês integrem estratégias didáticas que preparem os alunos gradualmente para a produção de textos académicos e profissionais. Uma possibilidade é a inclusão de atividades graduais de escrita, exercícios específicos sobre diferentes géneros textuais, análises comparativas entre os padrões discursivos do chinês e do português e o uso de ferramentas de apoio, como *corpora* linguísticos e glossários terminológicos. Além disso, o desenvolvimento de competências de leitura crítica e análise textual podem ajudar os estudantes a compreenderem melhor as estruturas formais da escrita em português, facilitando a sua adaptação às exigências do ensino superior e do mercado de trabalho.

4. A abordagem comunicativa no Ensino de Línguas Estrangeiras

A abordagem comunicativa na aprendizagem de línguas tem sido amplamente estudada e discutida desde a sua consolidação na década de 1970. Fundamentada na premissa de que a linguagem é essencialmente um meio de comunicação, esta abordagem prioriza o uso autêntico da língua-alvo em contextos reais, favorecendo a interação e a competência comunicativa dos estudantes, que contempla não apenas competência gramatical, mas também sociolinguística, discursiva e estratégica (Canale & Swain, 1980). Tal significa que os alunos necessitam de aprender não apenas regras gramaticais isoladas, mas um conjunto de competências que lhes permita comunicar eficazmente em diferentes contextos. Também segundo Vygotsky (1978), a interação social é essencial para a aprendizagem sendo que a abordagem comunicativa, ao promover a colaboração e a negociação de significado, favorece a retenção do conhecimento de forma mais eficaz do que métodos tradicionais baseados na memorização e repetição mecânica.

À luz destes princípios, foram surgindo inúmeros estudos de acordo com os quais a realização de atividades comunicativas, como jogos, simulações e trabalho a pares, aumenta o envolvimento dos alunos e reduz a ansiedade associada à aprendizagem de línguas, proporcionando uma experiência mais ativa e motivadora (Krashen, 1982; Dörnyei, 2001). Por outro lado, há evidências de que os estudantes expostos à abordagem comunicativa tendem a desenvolver maior fluência oral e capacidade de adaptação a diferentes

contextos linguísticos (Richards & Rodgers, 2001), uma vez que a prática constante da língua em situações reais aumenta a sua confiança, tornando-os mais propensos a usar a língua-alvo fora da sala de aula. Ao contrário dos métodos tradicionais, a abordagem comunicativa permite ainda uma maior flexibilidade no ensino, adaptando-se às necessidades dos estudantes por meio de atividades variadas e a contextos autênticos (Littlewood, 1981). Isso é particularmente relevante em salas de aula com diferentes níveis de proficiência e perfis de alunos.

Apesar dos benefícios, alguns pesquisadores têm apontado desafios na implementação desta abordagem. Já em 1985, Swan argumentava que, em alguns casos, a ênfase excessiva na comunicação pode levar a lacunas no desenvolvimento da precisão gramatical. Mais recentemente, a implementação da abordagem comunicativa continua a enfrentar diversos desafios em contextos educativos distintos. Um dos obstáculos mais recorrentes é a formação insuficiente dos professores, tal como destacado por Vijay e Suresh (2023), Suhartami e Amin (2023) e Sefa (2020), que apontam para uma compreensão limitada da abordagem e falta de preparação pedagógica. Também se evidenciam dificuldades de ordem estrutural, como turmas numerosas, carga horária elevada e escassez de recursos, que comprometem a eficácia das práticas comunicativas em sala de aula (Vijay & Suresh, 2023; Suhartami & Amin, 2023; Sefa, 2020). Além disso, o desalinhamento entre os objetivos comunicativos do currículo e os exames centrados na gramática tradicional é um entrave assinalado por vários autores, tornando difícil avaliar de forma coerente as competências dos alunos (Vijay & Suresh, 2023; Sefa, 2020; Salmanova). No plano cultural, as barreiras linguísticas e a ausência de contacto com a cultura da língua-alvo, assim como a baixa motivação dos alunos, constituem limitações adicionais (Suhartami & Amin, 2023; Alharbi, 2022). Por fim, autores como Salmanova (2025) alertam ainda para fragilidades internas da própria abordagem, como a escassa atenção à correção gramatical e os desafios na avaliação da competência comunicativa. Em conjunto, estas análises revelam que os obstáculos à abordagem comunicativa são complexos e multifacetados, exigindo soluções integradas que combinem formação contínua, adaptação curricular e mudanças institucionais.

Na China, a adoção da abordagem comunicativa no ensino de línguas tem registado avanços progressivos nas últimas décadas, refletindo uma mudança significativa nas metodologias aplicadas, nomeadamente no ensino de Português Língua Estrangeira (PLE). Como referido, o número de universidades chinesas que oferecem cursos de português tem aumentado consideravelmente, acompanhando a crescente procura por profissionais fluentes na língua portuguesa e a necessidade de fortalecer as relações sino-lusófonas (Pires, 2022).

Esta expansão evidencia um reconhecimento da importância do português no cenário internacional e a tentativa de adaptar o ensino às exigências do mercado de trabalho globalizado.

Não obstante, a implementação da abordagem comunicativa no ensino de PLE na China enfrenta vários desafios de natureza cultural e pedagógica. Tradicionalmente, o sistema educativo chinês baseia-se em práticas de ensino centradas na memorização, repetição e tradução, privilegiando a aquisição de vocabulário e regras gramaticais de forma altamente estruturada. Este modelo pedagógico, amplamente difundido em diversas disciplinas, reflete a influência dos exames nacionais competitivos, como o exame nacional de admissão ao ensino superior na China, que valorizam sobretudo o conhecimento teórico, a precisão linguística e o desempenho mensurável. Como resultado, práticas de ensino mais interativas, que promovem a comunicação espontânea e o desenvolvimento da fluência, tendem frequentemente a ser secundarizadas (Hu, 2002; Yu, 2001).

Além disso, vários estudos indicam que tanto professores como alunos tendem a centrar-se predominantemente na forma linguística – nomeadamente regras gramaticais e estruturas – em detrimento da aplicação comunicativa da língua em contextos reais (Hu, 2002; Vijay & Suresh, 2023).

Isso pode resultar em dificuldades na expressão oral e na capacidade de utilizar o português em situações autênticas, uma vez que o contexto sociocultural e pragmático da língua continua a ser, muitas vezes, subvalorizado. Por outro lado, a ausência de um ambiente de imersão natural no português na China reforça esse desafio, dificultando a prática espontânea e a interiorização dos usos da língua em interações comunicativas do quotidiano.

Para superar estas barreiras, torna-se essencial promover uma mudança de paradigma no ensino de PLE na China, alinhando as metodologias pedagógicas tradicionais com abordagens mais interativas e dinâmicas. Uma estratégia fundamental é a formação contínua de professores, capacitando-os para utilizarem metodologias comunicativas que priorizem a interação, o uso autêntico da língua e a competência pragmática. Além disso, a criação e adoção de materiais didáticos inovadores, que apresentem a língua em contextos reais e promovam atividades baseadas em situações do cotidiano, pode contribuir significativamente para a eficácia do ensino.

Outra iniciativa relevante consiste na expansão de programas de intercâmbio e parcerias internacionais, que permitem aos estudantes chineses experienciar o uso da língua em ambientes lusófonos. A participação em programas de mobilidade acadêmica, estágios e cursos intensivos no estrangeiro pode proporcionar uma exposição direta ao português, favorecendo o desenvolvimento da fluência e da confiança na comunicação. Adicionalmente, a utilização de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais pode complementar essa abordagem, oferecendo aos alunos acesso a conteúdos autênticos e interativos, como vídeos, *podcasts*, simulações de conversação e comunidades virtuais de aprendizagem.

Em suma, apesar dos progressos registados na adoção da abordagem comunicativa no ensino de português na China, a sua plena implementação exige esforços contínuos para transformar as práticas pedagógicas tradicionais. A transição para um modelo mais interativo e contextualizado depende da formação docente, da adaptação dos materiais didáticos, do incentivo a experiências imersivas e do uso de tecnologias educativas que promovam a comunicação autêntica. Essas mudanças podem dar um contributo importante na formação dos estudantes chineses, capacitando-os para uma utilização mais eficaz e funcional do português, alinhada às exigências de um mundo globalizado e interligado.

5. O ensino e aprendizagem de Português por estudantes chineses

A análise das necessidades comunicativas, das motivações e dos interesses dos alunos chineses de PLE evidencia a necessidade de uma mudança de paradigma na prática pedagógica. Para isso, é essencial adotar um modelo centrado no aluno (REPLEC, 2021, p.153), que promova um ensino ajustado às suas especificidades. Essa abordagem reflete-se em várias dimensões fundamentais:

- a) *Focalização das áreas de aprendizagem essenciais*: a identificação das competências mais relevantes para os alunos permite direcionar o ensino para os seus reais desafios e necessidades, tornando a aprendizagem mais significativa e orientada para objetivos concretos.
- b) *Desenvolvimento de materiais didáticos adaptados*: a elaboração de recursos pedagógicos diferenciados é crucial para atender à diversidade dos ritmos de aprendizagem e das particularidades individuais dos estudantes. Um ensino flexível e ajustado ao perfil dos alunos favorece uma experiência mais eficiente e envolvente.
- c) *Adoção de uma metodologia baseada em tarefas*: a integração de atividades práticas e funcionais possibilita uma transição mais fluida entre a cultura de aprendizagem chinesa, tradicionalmente mais centrada na memorização, e a abordagem novilatina, que enfatiza a comunicação e a interação contextualizada.
- d) *Criação de materiais inovadores e apelativos*: a atualização de manuais deve privilegiar tarefas que estimulem a utilização real da língua, promovendo o uso de diferentes géneros textuais e explorando recursos digitais que incentivem a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem.
- e) *Integração do conhecimento sociocultural e linguístico*: O ensino da língua deve estar associado ao desenvolvimento de competências interculturais, permitindo que os alunos expandam a sua compreensão do mundo e se sintam mais preparados para interagir em contextos diversos. Ao favorecer

o contacto com diferentes perspetivas culturais, esta abordagem contribui para a eficácia comunicativa e para uma aproximação mais natural entre interlocutores orientais e ocidentais.

Ao alinhar-se o ensino de PLE com as necessidades dos estudantes chineses, é possível criar um ambiente de aprendizagem dinâmico, interativo e ajustado às exigências do mundo globalizado. Contudo, a aprendizagem do português por estudantes chineses apresenta desafios específicos, como os descritos na secção 3, acima. Diante de tais desafios, consideramos que há vantagens acrescidas em adotar a abordagem comunicativa, combinando metodologias tradicionais com práticas interativas. O uso da tradução como ferramenta didática promove a compreensão de conceitos abstratos e facilita a aprendizagem de estruturas complexas. A comparação entre as duas línguas pode ajudar os alunos a compreender as diferenças estruturais e a internalizar padrões linguísticos de forma mais eficaz. Ao integrar atividades interativas, simulações e exercícios contrastivos, procura-se minimizar as dificuldades dos estudantes chineses e proporcionar uma aprendizagem mais natural e significativa. A adaptação dos materiais didáticos para incluir exercícios de fonética e tradução visa auxiliar o processo de aquisição da segunda língua.

6. O manual *Oriente.pt* e a abordagem comunicativa

O manual *Oriente.pt* representa uma inovação na área de PLE, ao estabelecer objetivos de aprendizagem especificamente adaptados aos estudantes chineses. Essa adaptação considera o perfil e as motivações desses alunos para a aprendizagem do português, bem como algumas das dificuldades mais recorrentes que enfrentam ao longo do processo de aquisição da língua.

Fundamentado na abordagem comunicativa, o método adotado no *Oriente.pt* trata a língua como um instrumento dinâmico de comunicação, incentivando a interação desde as primeiras fases da aprendizagem. No entanto, para garantir uma aprendizagem mais eficaz, o manual complementa essa abordagem com uma perspetiva contrastiva, destacando diferenças estruturais e funcionais entre o português e o chinês. Esse enfoque permite aos alunos compreender melhor as particularidades gramaticais de cada idioma, minimizando interferências linguísticas e facilitando a assimilação de novos conceitos.

O manual tem por referência a variedade europeia do português, dado ser essa a realidade geográfica em que atuam os docentes responsáveis pelo método. Engloba, contudo, uma dimensão intercultural: ao incorporar referências à diversidade dos espaços lusófonos e estabelecer paralelos com a cultura chinesa, promove uma visão ampliada da língua, fomentando não só o conhecimento linguístico, mas também a compreensão mútua e o intercâmbio cultural. Essa abordagem incentiva a abertura a novas realidades e torna o processo de aprendizagem mais significativo.

Figura 1. Capa do manual Oriente.pt (nível A1)



O método contempla, no total, 15 unidades didáticas, distribuídas pelos níveis A1 e A2. As unidades integram várias secções, que desempenham um papel fundamental na progressão da aprendizagem e visam promover o equilíbrio entre compreensão, produção e interação na língua portuguesa.

- **Textos e Pretextos:** Esta secção tem como principal objetivo introduzir os temas de cada unidade por meio de atividades que estimulam a compreensão oral e leitora. Os textos são cuidadosamente selecionados e adaptados para garantir acessibilidade aos alunos, respeitando o seu nível de proficiência e a sua exposição prévia ao português. A secção inclui tanto textos autênticos como adaptados, incentivando os alunos a interpretarem-nos e a estabelecerem conexões entre o conteúdo apresentado e suas próprias experiências. Além de testar a compreensão, as atividades propostas incentivam o desenvolvimento de inferências, o reconhecimento de informações implícitas e a ampliação do repertório lexical dos alunos.
- **Vocabulário:** A ampliação do léxico é um dos pilares do ensino de PLE, especialmente para estudantes cujas línguas maternas apresentam grandes diferenças em relação ao português, como é o caso do chinês. Para responder a essa necessidade, o manual *Oriente.pt* apresenta vocabulário contextualizado e sistematicamente introduzido ao longo das unidades. São trabalhadas tanto palavras isoladas como expressões fixas e colocações, fornecendo aos alunos recursos linguísticos práticos para o estabelecimento de uma comunicação eficaz. Expressões de uso frequente, como fórmulas de saudação e despedida, são integradas de forma funcional nas atividades lexicais para que os alunos consigam aplicá-las em contextos reais de interação. Além disso, são propostas atividades interativas que incentivam a associação entre palavras, a formação de redes semânticas e o uso do vocabulário em enunciados espontâneos.
- **Gramática:** O ensino da gramática no *Oriente.pt* é realizado de forma gradual e contextualizada, favorecendo a internalização das estruturas linguísticas no âmbito de um contexto comunicativo autêntico. Cada unidade apresenta tópicos gramaticais essenciais, sempre acompanhados de explicações claras e acessíveis. O manual incorpora também uma abordagem contrastiva, destacando

as principais diferenças entre o português e o chinês. Esta metodologia permite que os alunos identifiquem potenciais desafios na aprendizagem da gramática portuguesa, como a flexão verbal, a distinção entre "ser" e "estar", o uso de preposições e a concordância nominal. Os exercícios gramaticais são estruturados de modo a estimular a prática e a consolidação progressiva do conhecimento, com atividades variadas que abrangem desde a sistematização de regras até à aplicação das estruturas em contextos discursivos mais amplos.

- **Vamos interagir:** Esta secção tem como foco a aplicação prática dos conteúdos aprendidos, por meio de tarefas comunicativas que incentivam a interação em língua portuguesa. As atividades são elaboradas para simular situações reais, promovendo o desenvolvimento das competências orais e escritas dos alunos. Os exercícios propostos variam entre dramatizações, entrevistas, diálogos estruturados e simulações de situações do quotidiano. O objetivo é proporcionar um ambiente seguro para que os alunos experimentem a língua de forma ativa, superando a ansiedade comunicativa e adquirindo maior fluência e espontaneidade. Além disso, esta secção estimula o trabalho colaborativo, promovendo a negociação de significados e a construção conjunta de enunciados.
- **Conhecer culturas:** A aprendizagem de uma língua estrangeira está intimamente ligada ao conhecimento da cultura dos falantes dessa língua. Por isso, o *Oriente.pt* inclui uma secção dedicada ao desenvolvimento da competência intercultural dos alunos, proporcionando-lhes um contato mais aprofundado com os hábitos e costumes portugueses. Através de textos, vídeos e atividades interativas, os alunos são incentivados a refletir sobre semelhanças e diferenças culturais, desenvolvendo uma visão mais ampla e crítica sobre a interculturalidade.
- **Fonética:** Para estudantes chineses, a compreensão e produção dos sons do português europeu representa um dos desafios mais complexos, devido às diferenças significativas entre os sistemas fonológicos das duas línguas. A este desafio acresce o da escrita, i.e. da representação dos sons por meio de padrões ortográficos, sendo este sistema radicalmente distinto do da língua chinesa. O *Oriente.pt* dedica uma secção específica ao treino destas questões, com atividades que trabalham a articulação dos sons, a estrutura silábica, a acentuação e as curvas prosódicas. São explorados aspetos cruciais, como a distinção entre consoantes oclusivas e líquidas, a nasalidade das vogais e a tonicidade das palavras. Os exercícios incluem práticas de repetição, discriminação auditiva e treino articulatorio.
- **Exercícios complementares:** Para consolidar os conteúdos aprendidos, o *Oriente.pt* oferece uma série de exercícios complementares, sendo as atividades organizadas em quatro componentes fundamentais:
 - **Compreensão do oral:** Audição e análise de diálogos simulados, representando interações orais associadas a situações do dia-a-dia, estudos e vida profissional.
 - **Compreensão da leitura:** interpretação de textos diversos, com questões que estimulam a análise crítica e a inferência de significados.
 - **Produção e interação oral:** atividades que incentivam a expressão verbal, incluindo descrições, apresentações e interações espontâneas.
 - **Produção e interação escrita:** exercícios que trabalham a redação de textos diversos, como bilhetes, e-mails e breves relatos.
 - **Gramática:** reforço das estruturas gramaticais por meio de exercícios direcionados, que auxiliam na fixação e no uso adequado das regras linguísticas.

- **Glossário bilíngue:** reforço da compreensão de vocabulário. O vocabulário mais importante de cada unidade é apresentado com o seu equivalente semântico em chinês, facilitando a aprendizagem autónoma e permitindo que os alunos consultem o material sempre que necessário e ampliem progressivamente o seu repertório lexical.

A diversidade de atividades propostas no *Oriente.pt* procura garantir um processo de aprendizagem equilibrado, dinâmico e adaptado às necessidades dos estudantes chineses. A combinação entre abordagem comunicativa, prática contrastiva e dimensão cultural visa o desenvolvimento da competência linguística e, complementarmente, a formação de estudantes mais confiantes e preparados para interagir em português.

Outro fator diferenciador do *Oriente.pt* é o facto de o manual propor um trabalho gramatical gradual e contextualizado, com sistematizações frequentes ao longo de cada unidade. Esta progressão respeita tanto o estágio inicial de aquisição em que os alunos se encontram, como o nível de dificuldade inerente a determinados tópicos gramaticais. Paralelamente, há um enfoque contínuo na identificação e produção dos sons da língua portuguesa, uma área particularmente desafiadora para estudantes chineses. As atividades fonéticas são estrategicamente distribuídas ao longo das unidades, permitindo uma familiarização progressiva com a pronúncia do português.

O *Oriente.pt* é acompanhado por um livro do professor, que desempenha um papel crucial na orientação didática e na aplicação prática do material em sala de aula. Este recurso procura auxiliar os docentes no ensino de PLE a falantes de chinês, fornecendo diretrizes pedagógicas, sugestões para a implementação das atividades e explicações sobre os objetivos das unidades. A inclusão de um glossário bilíngue e de um livro para professores fortalece a proposta pedagógica do *Oriente.pt*, garantindo que tanto alunos quanto docentes tenham suporte adequado ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Enquanto o glossário atua como um auxiliar direto para os estudantes, promovendo o enriquecimento lexical e a compreensão dos conteúdos, o livro do professor oferece um roteiro estruturado e estratégias para tornar o ensino mais dinâmico e eficiente.

Por fim, o manual segue as diretrizes estabelecidas por dois documentos de referência fundamentais: o *Referencial Camões PLE* e o *Referencial Ensino de Português Língua Estrangeira na China*, garantindo um alinhamento com padrões internacionais de ensino e assegurando que os conteúdos abordados são consistentes e adequados às necessidades específicas do público-alvo, designadamente estudantes chineses de PLE em contexto universitário. Para garantir esse alinhamento, o manual assenta em vários princípios orientadores partilhados por ambos os referenciais. Em primeiro lugar, privilegia-se uma abordagem comunicativa e orientada para a ação, centrada no desenvolvimento das competências linguísticas e pragmáticas em contextos reais de uso da língua. Em segundo lugar, os conteúdos são organizados de acordo com os níveis do QECR (2001), assegurando uma progressão adequada e transparente das aprendizagens. Em terceiro lugar, são integradas atividades que promovem o desenvolvimento das quatro competências fundamentais - compreensão oral, compreensão escrita, produção oral e produção escrita - com especial atenção para a articulação entre língua, cultura e comunicação intercultural. Por fim, é dada atenção à adaptação dos materiais ao contexto específico de ensino-aprendizagem do português na China, incorporando práticas e temas relevantes para estudantes chineses, tal como proposto no referencial desenvolvido pelo Centro Científico e Cultural de Macau e pela Universidade de Macau.

Embora este capítulo não tenha como objetivo apresentar um estudo empírico, importa referir que o desenvolvimento do manual *Oriente.pt* foi acompanhado por alguns momentos de recolha informal de opiniões de professores e alunos. Futuramente, prevê-se o aprofundamento desta vertente empírica através de estudos sistemáticos que permitam avaliar de forma rigorosa a eficácia do manual e a sua aplicabilidade em diferentes contextos de ensino de PLE.

7. Conclusão

O manual *Oriente.pt* representa um contributo inovador no ensino de PLE para estudantes chineses, ao aliar a abordagem comunicativa a estratégias especificamente ajustadas às dificuldades linguísticas e culturais desse público. Através de uma metodologia que enfatiza a interação, o uso real da língua e a adaptação a contextos autênticos, o manual visa proporcionar uma aprendizagem eficaz e significativa. Ao longo do processo de elaboração deste manual, verificou-se que a adaptação do ensino de português para falantes de chinês exige uma abordagem multifacetada, que vá além da mera exposição a estruturas linguísticas e considere também a interculturalidade e as diferenças cognitivas no processo de aprendizagem. O *Oriente.pt* responde a esse desafio ao integrar elementos contrastivos entre o português e o chinês, promovendo a compreensão de diferenças estruturais e facilitando a assimilação de conteúdos. Além disso, o manual incorpora recursos inovadores que reforçam a autonomia dos estudantes, incentivando-os a explorar a língua portuguesa de maneira ativa e motivadora. A inclusão de componentes fonéticos, sistematização gramatical progressiva e atividades comunicativas contextualizadas são outros fatores-chave que poderão contribuir para o sucesso da aprendizagem.

Apesar dos avanços apresentados, é essencial continuar a investir na investigação sobre as melhores práticas pedagógicas para o ensino de PLE a falantes de chinês. A adaptação contínua dos materiais didáticos, a capacitação de professores e o incentivo a experiências imersivas, como intercâmbios e práticas de interação autênticas, são fundamentais para otimizar o ensino da língua portuguesa a esse público. Num horizonte próximo, seria pertinente aprofundar estudos comparativos entre diferentes contextos de ensino de PLE na Ásia, promovendo a recolha de dados empíricos que permitam ajustar as práticas pedagógicas às especificidades regionais e institucionais. Do mesmo modo, a integração de tecnologias educativas emergentes - como inteligência artificial, aprendizagem móvel e realidade aumentada - poderá abrir novas possibilidades para a personalização do ensino e para o reforço da motivação dos estudantes. A criação de comunidades de prática entre docentes e investigadores, tanto em contexto presencial como digital, pode também contribuir para uma partilha mais sistemática de experiências, estratégias e materiais. Neste sentido, o manual *Oriente.pt* não só responde a uma necessidade atual, como propõe um ponto de partida para um percurso contínuo de inovação, colaboração e investigação aplicada no campo do ensino de português como língua estrangeira.

Referências

- Alharbi, A. O. (2022). Issues with Communicative Language Teaching implementation in Saudi Arabia concerning the government policy, teachers, and students: Two decades of research. *Arab World English Journal*, 13(1), 321-336. <https://dx.doi.org/10.24093/awej/vol13no2.28>
- Canale, M., & Swain, M. (1980). Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied Linguistics*, 1(1), 1-47. <https://doi.org/10.1093/applin/I.1.1>
- Conselho da Europa. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto Editora. Dörnyei, Z. (2001). *Motivational strategies in the language classroom*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511667343>
- Grosso, M. J., Gaspar, C., Zhang, J., & Teixeira, M. (2021). *Referencial Ensino de Português Língua Estrangeira na China*. Centro Científico e Cultural de Macau & Universidade de Macau.
- Hu, G. (2002). Potential cultural resistance to pedagogical imports: The case of communicative language teaching in China. *Language, Culture and Curriculum*, 15(2), 93-105. <https://doi.org/10.1080/07908310208666636>
- Krashen, S. D. (1982). *Principles and practice in second language acquisition*. Pergamon.
- Littlewood, W. (1981). *Communicative language teaching: An introduction*. Cambridge University Press.
- Mai, R., Morais, C., & Pereira, U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português*. Universidade de Aveiro Editora.

- Ministry of Education of the People's Republic of China. (2021). *Chinese proficiency grading standards for international Chinese language education* (GF0025-2021). Ministry of Education. https://www.moe.gov.cn/jyb_sjzl/ziliao/A19/202111/W020211118507389477190.pdf
- Pires, J. M. (2022). *As políticas linguísticas no ensino das línguas estrangeiras na China: O caso da língua portuguesa* (Tese de doutoramento). Universidade de Lisboa. https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/54737/1/ulflmdjpires_td.pdf
- Richards, J. C., & Rodgers, T. S. (2001). *Approaches and methods in language teaching* (2nd ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511667305>
- Salmanova, S. (2025). Communicative approach in foreign language teaching: Advantages and limitations. *EuroGlobal Journal of Linguistics and Language Education* 2(1),79-88. <https://doi.org/10.69760/egille.250009>
- Sefa, B. (2020). Challenges and suggestions for a successful implementation of Communicative Language Teaching in EFL context in Albania. *International Journal of Education and Pedagogy*, 2(1), 45-55.
- Suhartami, S. A., & Amin, M. (2023). EFL teachers' understanding of Communicative Language Teaching (CLT) and its implementation in high school classrooms. *International Journal of Multicultural and Multireligious Understanding*, 10(3), 104-112. <http://dx.doi.org/10.18415/ijmmu.v10i7.4781>
- Swan, M. (1985). A critical look at the communicative approach (1). *ELT Journal*, 39(1), 2-12.
- Vijay, S., & Suresh, S. (2023). Form-focused vs. meaning-focused instruction: A review of current practices in foreign language classrooms. *Journal of Language Teaching and Research*, 14(1), 45–55.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Harvard University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctvjf9vz4>
- Yu, L. (2001). Communicative language teaching in China: Progress and resistance. *TESOL Quarterly*, 35(1), 194–198. <https://doi.org/10.2307/3587868>